



**SARTRE EM CLARICE LISPECTOR: A REPRESENTAÇÃO
DO SER POR MEIO DO CEGO, NO CONTO AMOR**

Ingrid Andrade MARQUES(PG/UEG)¹⁷

RESUMO:

Este estudo visa analisar o conto “*O amor*”, de Clarice Lispector. O conto, que é parte do livro “*Laços de Família*” (1960), tem se demonstrado, ao longo do tempo, um desafio para a crítica. E a partir das seguintes categorias apontadas por Sartre em *O ser e o nada*: olhar/ ser olhado, instrumentalidade (funcionalidade) e amor é possível propor uma leitura diferenciada. É esse o nosso maior objetivo nessa comunicação. No conto, a personagem principal, uma mulher tipicamente burguesa, tem sua rotina voltada para as atividades domésticas, sem qualquer parada para reflexão e tomada de consciência de seu papel. Ela sequer parece ter ciência de que algum dia já foi independente e movida por outras engrenagens. Ana, dona de casa atarefada e “empenhada” em servir aos familiares (“pura funcionalidade”). Na freada brusca de um ônibus, Ana percebe a pacatez de sua rotina, a partir de um cego mascando chicletes, evidenciando, então, o momento epifânico, um instante do clarear da visão. Ora, um cego é um olho que não olha, é um olho sem função. A cegueira do homem confronta Ana com sua submissão aos estereótipos sociais e esta é sua cegueira pessoal. Em busca de tais apreciações tender-se-á em foco para a perspectiva da teoria de Sartre (1997). Percebemos que é essa vivência que abre a Ana a dimensão do amor, por uma perspectiva de viver algo desconhecido num sentido muito específico (que aponta para as relações de gênero), e do qual a descrição fenomenológica de Sartre parece dar conta.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Clarice Lispector; Rotina; Epifania.

¹⁷ Especialista em Língua portuguesa e Literatura Brasileira – Universidade Cândido Mendes – UCM-RJ. Aluna do programa de pós-graduação latu sensu em Educação e Linguagens da UEG/campus Porangatu; E-mail: iandrademarques3@gmail.com